

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 13 de Maio

Tinhamos lido a *Revelação* e causára-nos surpresa a correspondencia do coronel Wilde com o ex-conde de Vinhaes que alli se publicára. Censurava-se n'aquella folha o governo por ter occultado esta correspondencia, e nós julgavamos que nunca elle consultára melhor aos seus interesses. Enganámo-nos: o ministerio recebeu a lição do papel do José Cabral, e hoje espósa a sua opinião. Pois bem! A verdade deve saber-se; e não seremos nós que a occultemos.

O *Diario* quer restabelecer os factos, pelo que diz respeito a Setubal, e para isso desmente o conde de Vinhaes! Este dissera no seu officio que havia tomado uma peça de artilheria; o *Diario* tomou duas no escriptorio da redacção, e fez bem; que alli tomam-se com menos risco. Mas vamos aos factos, e comecemos pela seguinte carta qua se lê na *Revelação*.

«A bordo do navio de S. M. B. *Polyphemus* em o 1.º de maio de 1847.—Sr. conde de Vinhaes.—Cheguei aqui hontem pela manhã, e immediatamente propuz a Sá da Bandeira a suspensão das hostilidades, e que accedesse a amnistia, o que elle pareceu inclinado a fazer, mas depois de ter consultado seus officiaes escreveu-me declarando não accetar.

«Depois da sua derrota fez-me saber os seus desejos de accetar a amnistia, o que eu agora tenho a honra de communicar a v. ex.ª para o caso de que a mudança de circumstancias o permitta v. ex.ª lhe conceda uma suspensão d'armas, com o unico fim de evitar maior effusão de sangue, ficando v. ex.ª na certeza de que da parte d'elle Sá da Bandeira não ha objecção.

«Eu fiz saber a Sá da Bandeira que me não responsabilisava por que a amnistia que S. M. F. tão graciosamente havia concedido o comprehendia a elle e a toda a gente do seu commando; e por consequencia v. ex.ª póde ter a certeza que no caso que queira conceder o armistício, v. ex.ª se não compromette a nenhuma outra cousa mais do que uma sus-

«pensão de hostilidades até receber as ordens de S. M.—Tenho a honra de ser de v. ex.ª, etc.—*W. Wilde*.

O *Diario* escreve sobre este assumpto o seguinte:

«Desenganado então o chefe dos revoltosos, e temendo ser atacado pelo nobre conde de Vinhaes, pediu ao cavalheiro Wilde o armistício que no dia anterior recusára; e esta supplica levada ao conhecimento do general da rainha, foi acolhida como convinha aos principios de humanidade com que elle interpretou fielmente o animo da soberana e os sentimentos do seu governo — até que do mesmo recebesse instrucções — e uma vez que os revoltosos não augmentassem os meios de sua defeza de mar e terra.

«Esta é a verdade; e sabemos que d'ella existem documentos maiores de toda a excepção.»

E' sem duvida a carta transcripta, e á resposta do conde de Vinhaes que o *Diario* se refere. Similhante carta não contém cousa que seja verdade desde a primeira até á ultima linha; é contradictoria consigo mesma, e põe em duvida a capacidade intellectual do signatario. No principio d'um periodo diz-se que Sá da Bandeira «mostrára desejos de accetar a amnistia,» e no fim do mesmo declara-se ao Vinhaes — «que o mesmo Sá da Bandeira nenhuma objecção fará,» o que dá a entender que quem pedia suspensão d'armas e mesericordia era o proprio Vinhaes.

Mas a historia passou-se assim. O coronel Wilde foi por mandado do paço intimidar os populares de Setubal. Chegando alli parece que escreveu uma carta ao visconde de Sá em termos pouco proprios, a que o visconde, por desdem, não respondêra. A força liberal vendo que se queria construir um reducto para hostilizar a villa atacou a tropa do governo, e n'um momento destruiu tudo. O susto do ministerio foi tal que todos os vasos de guerra se foram collocar junto da margem do Tejo para obstar a passagem dos constitucionaes que se esperavam em Lisboa. Foi então que Vinhaes e

Wilde instaram de novo com o visconde de Sá para conceder e aceitar a suspensão de armas. O visconde aceitou porque a supplica era concebida em termos decentes, o reducto estava destruido. Não foi elle que a pediu, foram os cabralistas que a sollicitarem. O documento ei-lo ahi:

«Setubal 1.º de maio de 1847.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. visconde de Sá.—Em conformidade com a proposta que antes de hontem fiz a v. ex.^a como medianeiro auctorizado pelo governo britannico, para esse proposito, novamente proponho a v. ex.^a uma suspensão de hostilidades entre as tropas do commando de v. ex.^a e aquellas que estão debaixo das ordens do conde de Vinhaes até que v. ex.^a receba instrucções a este respeito do Porto, ou do conde de Vinhaes receba instrucções de Lisboa, debaixo das condições seguintes:

«1.^a Que o conde de Vinhaes retirará os seus postos avançados fóra da vista dos postos que v. ex.^a hoje occupa.

«2.^a Que d'um lado e outro lado não será construida bateria alguma nem outra obra de qualquer natureza em quanto durar a suspensão de hostilidades.

«3.^a Que com antecedencia de 24 horas qualquer das forças deverá dar previa noticia á outra da renovação das hostilidades, e durante estas 24 horas ambas as forças poderão novamente occupar as respectivas posições que occupam agora sem opposição de nenhum dos partidos.

«4.^a Que qualquer reforço que esteja a caminho para unir-se a um ou outro campo deverá immediatamente fazer alto no sitio onde lhe chegar a noticia d'esta suspensão de hostilidades, e não poderá avançar senão depois das 24 horas, depois da participação recebida na conformidade do artigo 3.º

«5.^a As forças navaes d'ambas as forças beligerantes ficam da mesma sorte incluídas no presente armistício, e deverão conservar-se nas suas actuaes posições.—Tenho a honra de ser etc., *Wilde*, coronel.»—«Acceito, Setubal, 1.º de maio de 1847. *Sá da Bandeira*.—Está conforme.—Quartel general em Setubal 2 de maio de 1847.—*J. J. de Affonso Vianna*, secretario militar.—*Marquez de Mello*, chefe interino de estado maior.»

Á vista d'isto quem mostrou desejos d'amnistia? Quem foi que a propoz? A carta publicada pela *Revelação* era de per si indecente; mas depois do documento que publicámos, lança uma nodoa indelevel sobre o seu signatario, se tal carta é verdadeira, o que não duvidamos, porque a doblez e a falta de sinceridade é propria d'estes melquetrefes que estão ás sôpas dos principes.

O visconde de Sá foi nobre no seu proceder. As condições do armistício eram-lhe favoraveis porque demolidas as obras da defeza do inimigo, e separado da vista das nossas forças, não

nos prejudicava o esperar que a côrte se arrendesse. A causa popular não se pôde perder já quer ataquemos quer esperemos; e por isso a resposta do visconde foi um simples—*Acceito*.—A esta palavra não se pôde dar perfida interpretação. O visconde não mostrou desejos, o medianeiro é que foi propôr, sollicitar a favor dos absolutistas.

Menos indecente, menos indigna que essa carta attribuida ao coronel Wilde é a resposta do ex-conde de Vinhaes. O Simão da Costa Pessoa pejou-se de alludir á derrota das forças populares; bem sabia elle que a derrota estivera da parte das tropas cabralistas. Por isso respondeu ao coronel Wilde o seguinte:

«Acampamento no Viso 1.º de maio de 1847.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Acabo de receber a carta que v. ex.^a se serviu dirigir-me datada de hoje, e pelo conteudo observo, que Sá Nogueira, commandante das forças estacionadas em Setubal; pelas occorrencias que acabam de ter lugar annue hoje ao que hontem se negava; n'estes termos em conformidade das ordens de S. M. a rainha, eu suspendo todas as hostilidades até receber as ultiores determinações do governo da mesma augusta senhora, conservando-me nas mesmas posições, e exigindo que da parte contraria se observe exactamente o mesmo sem que reciprocamente augmentem os meios de defeza, nem haja movimento nas forças de mar e terra. Tenho a honra de ser de v. ex.^a etc.—*Conde de Vinhaes*.—Está conforme.—Acampamento no Viso em 1.º de maio de 1847. *José Chelmich*, capitão de engenheiros servindo de quartel mestre general.»

Ahi ficam os documentos officiaes confrontados. Ninguem faz ahi papel ridiculo senão o coronel Wilde, que pelas cartas d'elle não se sabe bem quando chegou a Setubal, porque na do visconde de Sá começa por dizer que *antes de hontem* lhe havia feito uma proposta, e na do Vinhaes declara ter entrado alli *hontem* donde se deduz que a cabeça do medianeiro não é das que regulam melhor. Fallamos assim na supposição de ser verdadeira a carta que se diz escripta ao Vinhaes.

Nós esperamos que no parlamento inglez se censure este procedimento doble, porque a nação britannica e o seu governo não approvam, nem podem approvar uma conducta que desdiz do character circumspecto e sisudo d'aquelle povo. O coronel Wilde por aquella carta tornou-se indigno de ser medianeiro, porque esta função requer alguma seriedade, e não convém até a dignidade do governo inglez servir-se de um homem que assim o compromette, e que se expõe a nem sequer receber resposta pela inconveniencia das suas cartas, como lhe aconteceu com o visconde de Sá. O coronel Wilde desempenha bem o seu papel como commissionado da côrte das Necesidades, aonde não ha hon-

ra nem vergonha. mas fará sempre um papel tristissimo aonde fôr necessaria a lealdade e a franqueza. Este juizo é formado á vista dos documentos.

Este modo irregular de tractar foi tão censurado que até correu pela cidade que sir W. Parker havia prendido aquelle coronel por exceder as suas instrucções e faltar aos termos de boa cortezia. Ainda que o gabinete britannico leve a mal semelhante procedimento, parecia-nos duro o expediente do vice-almirante que de certo havia de tolerar, mesmo a seu pesar, o desregramento d'um criado do principe Alberto feito mexeriqueiro de seu primo Fernando; e até nos consta que elle assim como sir Seymour, por decencia, negam a authenticidade da carta que o governo publica.

Folgamos de que *Revelação* e o *Diario* nos dessem logar a fazer conhecido o caracter do homem que pretende fazer de medianeiro; e concluiremos dizendo que a boa fé da nossa côrte se patentêa pelo facto de ter mandado para o conde de Vinhaes todos os dias homens e munições de guerra contra o estipulado no armisticio entre as partes belligerantes. Trazemos isto só como prova de má fé, e não como receio, porque estamos certos que o conde de Vinhaes nem com dobradas forças ousará encerrar as tropas liberaes de Setubal; e oxalá que elle o fizesse.

O resultado do combate ahi está: consta da participação official que em seguida transcrevemos:

EXERCITO LIBERAL DO SUL

PARTE OFFICIAL

«Illm.^o e exm.^o sr. — Havendo o inimigo começado a construir um reducto, onde devia acestar a sua artilharia grossa que lhe veio de Lisboa, com o duplicado fim de bater o forte Velho e a villa, determinei fazer uma sortida para lh'o destruir, o que com effeito executei atacando-o ho'e pelas 6 horas da manhã — Dividi a minha força em duas columnas, a da direita destinada a atacar o reducto e destruir os trabalhos, marchou pela estrada d'Azeitão; e a da esquerda destinada a chamar a attenção do inimigo sobre aquelle lado, e a coadjuvar a opperação, marchou pela estrada proxima ao castello de S. Philippe. — Depois de se haver começado um vivissimo fogo na esquerda, tomado e retomado algumas posições, dado algumas cargas de cavallaria, e acestado convenientemente a artilharia de campanha, rompeu a columna da direita o seu fogo, e apesar de uma pertinaz resistencia, conseguiu apoderar-se do reducto e destruil o. Como o fim a que me proposera estava preenchido, recolhi á minha posição, depois de 4 horas de vivissimo fogo, haver feito alguns prisioneiros, e recebido muitos apresentados. — Tivemos alguma perda; porém a do inimigo foi muito mais consideravel, pela superioridade da nossa artilha-

ria que sobre elle jogou a metralha. — Parte da guarda municipal, usando do seu systema traiçoeiro, fingiu querer apresentar-se; foi porém repellida; conseguindo com tudo, fazer-nos alguns prisioneiros. — Em geral estou satisfeito do valor de toda a divisão, reservando-me para fazer recommendação particular dos individuos que mais se distinguiram, quando receber as partes circunstanciadas dos commandantes das columnas. — Deus guarde a v. ex.^a — Quartel general em Setubal 2 de maio de 1847. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila. — *Sá da Bandeira*. — Está conforme. — Quartel general em Setubal 5 de maio de 1847. — *J. J. A. Vianna*, secretario militar.»

Chegou o paquete, e trouxe-nos importantes noticias:

O coronel Wilde havia chegado ao Porto, Levava officios de sir G. H. Seymour, e o Marquez de Hespanha levava-os do sr. Ayllon.

Parece que o inglez tinha pretensões pouco rasoaveis, mas que a junta as soube rebater com dignidade. Diz-se que lhes fizera saber que se iam como medianeiros poderiam tratar; se iam impor condições que não seriam recebidos. Os estrangeiros assumiram o papel de *medianeiros* como convinha.

O castello de Vianna cahiu; os seus defensores fugiram, mas foram quasi todos apanhados. O ex barão de Vinhaes, cujas glorias o *Diario* cantou, foi derrotado em Mirandella, e fugiu para Bragança, aonde não pôde entrar, dirigindo-se depois para Miranda a fim de entrar na Hespanha.

Eis aqui o que dizem os nossos correspondentes:

«Porto, 10 de maio.—Chegou o coronel Wilde e o Marquez de Hespanha. A junta nomeou delegados para se entenderem com elles. Esses delegados são Manuel de Castro Pereira, e Joaquim Antonio de Aguiar. A junta não fará senão o que exige a honra e a dignidade do paiz.

«As nossas cousas por cá teem corrido bem. O castello de Vianna obedece á junta do Porto: a guarnição abandonou o n'uma noite tempestuosa, mas teve de debandar sendo perseguida pelos povos advertidos pelo toque dos sinos, e quasi toda está em nosso poder. Esperam-se mais de 190 prisioneiros.

«O ex-barão de Vinhaes pôde ainda reunir 800 a 900 homens (sendo 600 de linha e 60 cavallos) e tentou passar de Traz-os-Montes para a Beira. Rebocho bateu-o em Mirandella, obrigou-o a fugir seguindo a estrada de Bragança, mas Bragança tinha-se revoltado: entrou lá primeiro e Freamunde, que unido ao Rebocho o perseguiram, e hoje consta que perdeu toda a columna, e que os ultimos restos podiam apenas escapar em Hespanha aonde serão desarmados.»

«Idem 10.—Aqui chegaram o Wilde e o marquez de Hespanha, e fizeram a sua apresentação. A junta depois da prévia declaração de que vinham fazer *propostas* e não impôr *condições* nomeou Joaquim Antonio de Aguiar e Manuel de Castro Pereira para tractarem submettendo tudo á approvação da junta.

« Os sitiados do castello de Vianna sahiram, porém sendo perseguidos pela força e povo cahiram em nosso poder 190, entrando n'este numero alguns officiaes. Sobral escapou-se logo á sahida da villa, abandonando cobardemente os seus companheiros.

« A nossa columna de Traz-os-Montes depois de ter tido um encontro com o barão de Vinhaes em Mirandella, reuniu-se toda, e marchou sobre o inimigo, que retirou em direcção a Bragança, aonde não entrou por estar revolucionada; depois foi para Miranda, aonde pelas ultimas noticias se acha, devendo estar a nossa força a uma jornada de distancia.

« Corre que para os lados de Lamego, ha uma guerrilha forte com a qual já houve fogo,

« Povoas está na Régua, talvez seja reforçado com dous corpos de linha. Saldanha está nas mesmas posições. Por noticias fidedignas consta que se acha muito zangado com a côrte, e se se lhe proporcionasse occasião talvez fizesse outra cara.

« Senem de Buenega chegou aqui do quartel do Saldanha, e veio conferenciar com o marquez de Hespanha.

« A junta está concorde no pensamento de não ceder uma vez que não alcance condições vantajosas para a causa nacional.

« O Wilde parece que fallou com alguém para se ajustar aqui um armistício, porém essa idéa foi immediatamente repellida.»

«Idem 10 ás 12 da noute.—O ex-barão de Vinhaes está, como disse na minha carta de hoje, em Miranda. Segundo se diz tentou passar á Hespanha, porém não o pôde fazer sem largar as armas, circumstancia esta que o fez demorar algum tempo. Ha porém fortes razões para acreditar que se se demorar, será completamente batido, e se passar á Hespanha ficará a provincia de Traz-os-Montes perfeitamente livre dos facciosos.

« A junta está disposta a sustentar o seu programma, alcançando assim o completo triunfo da causa nacional. Amanhã vão ser apresentadas aos agentes de Inglaterra e Hespanha as propostas por parte da junta. Póde bem ser que não sejam accéites porque ella exige garantias seguras; se isto acontecer resta decidir a questão pelas armas, cujo resultado não póde deixar de nos ser favoravel.»

A causa nacional triunfa por toda a parte. As ilhas dos Açores pronunciaram-se todas a nosso favor seguindo o nobre exemplo de S. Miguel e da Madeira.

Assim o paiz está quasi todo na obediencia da junta do Porto, e a côrte não conta senão com meia duzia de bayonetas dos seus soldados.

Corre que a Beira Baixa está quasi toda pronunciada.

O governo de Hespanha vae já conhecendo o ridiculo papel que tem feito na questão portugueza, e é apupado pelos seus proprios amigos.

Quem lia a enumeração de tantos batalhões pensava que o caso era sério. Até o Fitz cuidava que trazia atraz de si um exercito, e o que elle trazia era um officio do Bulwer de que era portador. Em lugar de mensageiro de Hespanha era moço de recados dos inglezes.

Ninguem acreditou seriamente na intervenção hespanhola; no que se acredita é no medo que os absolutistas de Hespanha teem dos liberaes d'ambos os paizes. Todas aquellas fanfaronadas acabam por dizerem que nós, vingando a revolução, lhes podemos fazer muito mal. Os invasores estão já com receios de serem invadidos.

Soceguem. A Hespanha tem patriotismo para se libertar. Os nossos rmaos do reino visinho não carecem de auxilio estranho para vencerem os seus contrarios. Basta que não venha a França governal-os, como tem vindo algumas vezes.

Assim as numerosas falanges podem retirar a quarteis, e o *Heraldo* e o *Commercio* de Cadiz, que já estavam de sacco debaixo do braço para virem até ao Porto e Lisboa, podem trocal-o por algum barrilinho, porque d'esta vez não arranjam que trincar.

No Carmo estão-se dando tractos crueis ás victimas que vão cair nas mãos de D. Carlos e do Sedvem. Diz-se que teem desaparecido algumas das pessoas que para alli são conduzidas de todas as partes. Parece que as matam ás pancadas, e que depois as somem,

O ministerio da paz sabe isto e consente-o. A junta do Porto solta os seus presos, dá subsidio aos prisioneiros; e não opprime ninguem: a côrte faz do Carmo inquisição, arvora D. Carlos e Sedvem em carrascos, e martyrisa os subditos da rainha.

O visconde de Sá manda para Lisboa os seus presioneiros; o governo dá a morte aos suspeitos!

O sr. Manuel Duarte Leitão fugiu para Cadiz com medo dos Cabraes quando elles levaram a mal uma representação que s. ex.^a assignou como membro do supremo tribunal de justiça em 1844 contra o decreto do 1.º d'agosto. S. ex.^a não voltou mais ao parlamento por susto. Ora quem tem tanto medo fóra do poder deve lembrar-se quando o exerce que d'aqui a 60 dias já não será ministro, e que aquellas masmorras em que elle manda assassinar as victimas pódem servir para elle espiar os crimes que está commettendo; que é um dos maiores attentados o usar do poder com tyrannia.

O *Espectro* empraça esses homens fracos para comparecerem brevemente n'esses logares de sangue aonde hoje atormentam a humanidade.